

O temporário que deixa raízes para frente

JORNAL DE BRASÍLIA 01 DEZ 1990

A gestão Cotrim está chegando ao fim? Ou vai haver continuidade em tudo o que foi implantado até o momento na cidade?

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

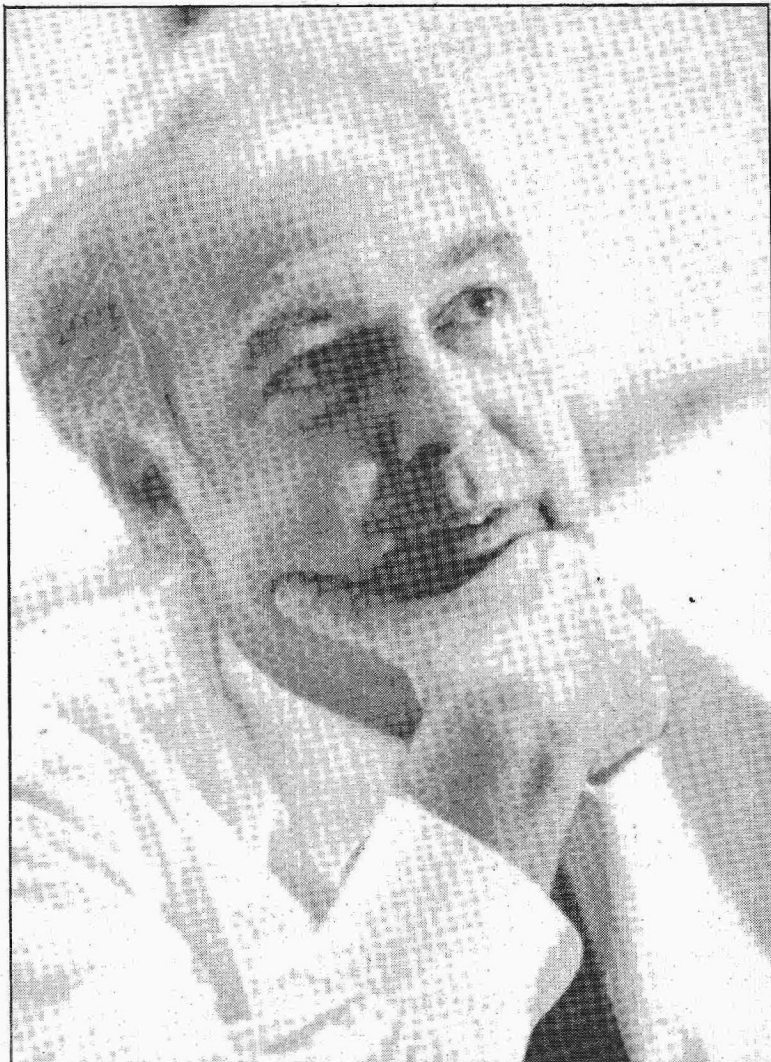
O movimento cultural organizado de Brasília anda em polvôrosa com o temor de ver desmantelada a equipe que hoje administra a Secretaria de Cultura e Esportes. Afinal, só na gestão de Luís Humberto, no alvorecer da Nova República, houve igual harmonia entre os produtores culturais e as siglas SC-FCDF. Até dinheiro tem aparecido para alimentar a área, pois o secretário Márcio Cotrim conseguiu, em sete meses de gestão, aumentar, em 1.000% a arrecadação dos próprios da FCDF.

Há outras conquistas de sua administração que merecem relevo: ele iniciou diálogo e ações efetivas nas satélites (caso da *Casa do Cantador*, de Ceilândia, e *Cine Itapoã*, do Gama, dois próprios do GDF "privatizados", respectivamente, pela Federação dos Repentistas e Cineclubes Itapoã); instalou o Conselho de Cultura do DF e somou à intensa programação do Teatro Nacional uma série de projetos atendendo a áreas como bandas, corais, folclore, livrinhos, etc.

O saldo da administração de Cotrim é mais que positivo, se se levar em conta que assumiu para cumprir mandato tampão de apenas oito meses. Sua única falha foi uma cara e pouco exposição da Maquete de Brasília, em Praga, na Tchecoslováquia.

Tormenta — O governador eleito, Joaquim Roriz, conheceu, em sua gestão de 18 meses (finda em março), a mais conturbada administração cultural da história da cidade. Laís Aderne, titular da pasta de Cultura e Esporte, não se entendia com Marlos Nobre, diretor da Fundação Cultural. As portas do anexo do Teatro Nacional foram fechadas aos produtores culturais. Salas como a Villa-Lobos e a Martins Penna chegaram a ficar 15 dias sem nenhuma programação.

Desta vez, assessores de Roriz garantem que a "área conhecerá um novo tempo". E este novo tempo indica que Márcio Cotrim deve permanecer no posto de secretário



Cotrim exorcizou a maldição da gestão anterior e foi adiante

de Cultura e Esportes. Perderá, porém, sua parceria administrativa, a publicitária Sônia Moura, titular da Fundação Cultural. Para seu lugar é praticamente certa a indicação de Luíza Dornas, atual titular do Departamento de Promoções e Eventos da própria Fundação.

É público o apreço que o governador devota a *Luizinha*, que coordenou a última edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Se Cotrim parece preocupado com os boatos que nomeiam outros nomes como possíveis ocupantes da pasta da Cultura (as chances do embaixador Murinho, que só recebeu 672

votos nas últimas eleições, são mínimas, e as de Wadel Gonçalves equivalem a zero), Luizinha Dornas segue tranqüila. Ao invés de temores, ela apresenta projetos.

Um deles, anuncia com entusiasmo: "Estamos estudando a possibilidade de transformarmos a *Sala Funarte* na *Sala Cinemateca*. Convênio com a Cinemateca Brasileira, de São Paulo, nos permitirá trazer a Brasília a excelente programação que Carlos Augusto Calil e Rudhá de Andrade vêm desenvolvendo na capital paulista".

Outro projeto (que Luizinha não



Fotos: Arnaldo Shultz

Luizinha, a virtual nova diretora da Fundação Cultural

confirma) diz respeito a entendimentos com a Embaixada do Canadá, no sentido de se ver a possibilidade de transferir para Brasília o *Centro Técnico Audiovisual* da — em processo de reformulação — Fundação do Cinema Brasileiro. O *Centro Técnico* é resultado de convênio entre a Embrafilme (agora extinta) e National Film Board, do Canadá.

Pólo de Cinema — Um assessor próximo a Roriz garante que o futuro governador está realmente disposto a viabilizar o *Pólo de Cinema de Brasília*. O apoio do GDF virá não em dinheiro para produção de

filmes, mas sim em infra-estrutura (equipamento — e aí entram os japoneses da Fundação Mokiti Okada — estúdios, etc). Este projeto deverá somar forças da Secretaria de Cultura, Trabalho e Indústria, Comércio e Turismo.

Está aí uma das propostas mais polêmicas do novo governo para a área cultural. Afinal, um pólo de cinema demanda mão-de-obra especializada (a prioridade do governador é arrumar trabalho para os *descausados* de Samambaia e Paranoá, que nunca viram uma câmera) e muito dinheiro.